



## POESIA E UTOPIA: O SONHO-ESPERANÇA NA OBRA DE PEDRO CASALDÁLIGA

Edson Flávio SANTOS (UNEMAT)<sup>1</sup>

**Resumo:** Os textos analisados no presente artigo são oriundos de “Antologia Retirante” (1978), “Águas do Tempo” (1989) e “Versos Adversos” (2006), todas compõem parte da obra literária de Dom Pedro Casaldáliga, poeta que, radicado no nordeste de Mato Grosso faz da poesia um instrumento portador de sonhos possíveis. A Prelazia de São Félix do Araguaia, local onde Casaldáliga atua como bispo há mais de quarenta anos, é uma região de grande extensão territorial e grandes vazios demográficos, e que vem sofrendo desde 1970, quando o Governo Federal passou a implementar políticas de apoio às atividades agropecuárias em Mato Grosso com um maciço investimento nos latifúndios, ao mesmo tempo em que os pequenos proprietários sem acesso a financiamento, foram condenados ao empobrecimento. Diante desse cenário, nossas reflexões irão se ancorar na perspectiva da utopia, de Ernst Bloch apontadas na obra *Princípio esperança* (2005), entre outros da mesma seara teórica. A partir da análise dos poemas selecionados para o presente estudo, tentamos descortinar e compreender o universo do autor e de sua obra, que parece revelar um outro lugar, livre das opressões do presente. Casaldáliga surge como um poeta que, percebendo os elementos da terra e sentindo, de perto, o espírito do homem do interior jogado à própria sorte, “engaja-se” na luta em defesa desse homem do sertão que vive na região nordeste de Mato Grosso. Percebe-se, assim, como o poeta encontra na e pela palavra, uma arma invencível e eficaz no exercício de dar voz a todos os elementos que compõem o cenário de exploração e miséria em que está inserido.

**Palavras-Chave:** Crítica-literária. Araguaia. Teologia da libertação.

**Abstract:** The texts analyzed in this article come from "Anthology Retirante" (1978), "Time of the Water" (1989) and "Verses Side" (2006), all make up part of the literary work of Don Pedro Casaldáliga, poet, rooted in northeastern Mato Grosso makes poetry a carrier instrument dreams possible. The Prelature of Sao Felix do Araguaia, where Casaldáliga acts as bishop for over forty years, is a region of vast territory and large demographic gaps, and which has been suffering since 1970, when the federal government began to implement policies to support agricultural activities in Mato Grosso with a massive investment in estates, while that smallholders without access to financing, were doomed to impoverishment. In this scenario, our reflections will ground the perspective of utopia, Bloch pointed out in the work Principle Hope (2005), among others of the same theoretical harvest. From the analysis of selected poems for the present study, we try to uncover and understand the universe of the author and his work, which seems to reveal another place, free from this oppression. Casaldáliga appears as a poet who, realizing the elements of earth and feeling, closely, the spirit of the inner man thrown to their fate, "engages" in defending this backwoods man who lives in northeast Mato Grosso. It is clear, therefore, as the poet is in and by the word, an invincible and effective weapon in the course of giving voice to all the elements that make up the scenario of exploitation and misery in which it appears.

**Keywords:** Critical-literary. Araguaia. Liberation theology.

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGEL/UNEMAT. Tangará da Serra-MT/Brasil. edsonflaviomt@gmail.com



## 1. Introdução

Pedro Casaldáliga, bispo emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia<sup>2</sup>, é poeta, e “um poeta não vive em uma outra História, distante ou alheia à história da formação social em que escreve” (BOSI, 2000, p. 114). Assim, escrevendo uma poesia que se baseia na formação social e no universo onde está inserido/inscrito, a produção de Casaldáliga alcança o crédito de que é possível, por meio da poesia, um novo mundo, ainda no presente, não apenas numa região peculiar que é o Araguaia, mas nos diversos cantos do mundo, onde possa haver privação dos direitos naturais do ser humano. Este artigo pretende demonstrar essas afirmações.

Nessa perspectiva inicial, Pedro Casaldáliga produz uma obra poético-social que “recompõe cada vez mais arduamente o universo mágico que os novos tempos renegam” (CANDIDO, 1995, p. 174) como se pode ver nos próximos poemas.

Percebe-se, aqui, em “A terra em espera” (CASALDÁLIGA, 2006, p. 49), a utopia vista como construto da ideia do local em comunhão, igualdade e fraternidade universal, sem os males da contemporaneidade.

‘Nós não temos aqui Cidade permanente’,  
mas devemos fazer-nos uma Pátria,  
construída e fruída em irmandade,  
ainda aqui, no Tempo das perguntas...

É possuindo esta nossa Terra  
que avançamos, seguros da resposta,  
na conquista da Terra Prometida.

É nesta Terra velha, nossa mãe,  
que caminhamos para a Terra Nova,  
a Terra-Esposa-em-festa para sempre!

No fragmento, atualiza-se no hoje, sinalizado no poema como o verso “ainda aqui, no Tempo das perguntas”, um desejo, um sonho, o da “Terra Prometida”, em que todos terão direito a ela. Escrita em maiúscula chama a atenção para o termo que indica sempre uma

---

<sup>2</sup> Localizada na região nordeste do estado de Mato Grosso, possui 150.000 km<sup>2</sup>. É uma configuração geo-histórica de grande importância social e cultural para a construção da ideia integradora de território nacional a partir de intensos conflitos pela posse e ocupação de terras. Nela, é que vamos encontrar Dom Pedro Casaldáliga que, tendo saído de Balsareny, Espanha, está radicado há mais quarenta anos na região.



importância temática no texto poético, abarcando três sentidos possíveis: terra/mãe, terra/morada do hoje, terra/morada do amanhã.

O elemento “Terra” é importante na análise que se propõe, pois Pedro Casaldáliga defende que todos os que trabalham na terra merecem um pedaço dela. E, por isso, uma luta em que todos os esforços são necessários para que se realize o desejo de se ter terra nos Céus (Terra Nova,/a Terra-Esposa-em-festa para sempre) como terra na Terra. E uma vez esse sonho (utópico) realizado aqui, na Terra, presentificar-se-á nos Céus.

Pode-se dizer que a poesia de Pedro Casaldáliga é influenciada por esse pensamento e, por isso, traz para o discurso poético o desejo dessa Nova Terra, uma terra longe das injustiças do hoje. É o sonho, ou desejo, ou ainda a esperança de um novo céu e uma nova terra, aqui e agora. Um sonho que, por sua vez, é um sonho diurno, o que para Ernest Bloch é um sonho que, “de-olhos-abertos, permite ao homem lançar-se para o futuro, buscando o não existente, mas que poderá existir, dependendo de seu engajamento para que se torne real” (E. Bloch, 2005, p. 88-114 *apud* VIEIRA, 2010).

Nessa perspectiva, essa vertente da poesia *casaldaliana* traz a lume questões sociais, como se pode ver em “Picolezeiro” (CASALDÁLIGA, 2006, p.53):

Com seus dez anos, sabido  
como dez livros completos,  
no isopor, a tiracolo,  
leva sua vida a preço.

Picolezeiro,  
por um sorriso  
dou-te um cruzeiro.(...)

A imagem da infância perdida nas ruas “com seus dez anos” e um saber da vida “sabido/como dez livros completos” nosso Picolezeiro “leva sua vida a preço”. Um preço que é caro. Não pelo valor dos cruzeiros que vende seus picolés, mas pela sua infância gasta na dura lida do trabalho.

Picolezeiro,  
o teu sorriso  
vale um cruzeiro? (CASALDÁLIGA, 2006., p.53)



O poema pergunta. O Picozeiro nada responde. Apesar de “sabido como dez livros completos” não sabe dizer se o seu “sorriso vale um cruzeiro?” ou se “só valeis isso, tu e companheiros?”. O que se sabe desse Picozeiro?

O poema nos pergunta:

Seu coração pequenino  
será um picolé vermelho,  
massa de frágil ternura  
se derramando num gelo? (CASALDÁLIGA, 2006, p.53)

Quem é, ou quem são, os culpados pela infância desvalida dessa criança? Qual a resposta? Um menino pobre fisicamente e espiritualmente, pois é “descalço de pés e sonhos”, não tem noção da vida que se perde e toda infância que passa ao longe de si. Nesse trabalho que a sociedade patrocina, “só ele é passageiro”, as demais coisas passam como a sua infância também passa.

A situação social a que estão expostas essas crianças e o descaso da sociedade em relação a esse cenário é o motivo da “espiga de protesto” do poeta que no imperativo solicita:

não te vendas mais em trocos,  
tira o tiracolo em tempo! (CASALDÁLIGA, 2006, p.53)

Na vida do *Picozeiro*, roubada de sua infância e de seus sonhos, está exposta a cortante realidade não só do Araguaia, mas do Brasil, ou de qualquer lugar do mundo: um panorama de desemprego, de miséria, e, uma das mais preocupantes, a utilização da mão de obra infantil.

Segundo Candido (1996, p. 67):

O pensamento viveu poeticamente porque se transpôs em experiência; porque se traduziu em palavras que exprimem uma forte capacidade de visualizar, ou de ouvir, ou de imaginar, que objetiva a vida interior, dando-lhe realidade palpável pelos "olhos da alma".

Dessa forma, o poeta, por meio dos “olhos da alma”, traduz em versos a utopia que presentifica o sonho – no qual se realizariam todos os desejos de uma sociedade justa e fraterna em que todos teriam os direitos respeitados. “É um sonhar acordado, um sonhar-para-a-frente, uma inquietação desperta, uma intuição viva e transformadora” (RODRIGUES, 2005, p. 41). Assim, as coisas podem ser melhores, mas, se nelas não houver crença, não se



realiza a Utopia que só acontece no plano do desejo que, como foi dito, presentifica o futuro, desestabilizando o momento.

Essa utopia possível se coloca em movimento e se abre na perspectiva de mudanças de curso. Ou seja, o poeta vive uma consciência antecipante que é feita da “liberdade individual e na capacidade de sonhar, mas é feita, sobretudo, de experimentação e de imaginação coletiva, tornando-se possibilidade coletiva futura no processo de luta” (RODRIGUES, 2005, p. 41). Dessa forma, o coletivo é sempre marca profunda nos textos de Casaldáliga, como se pode ver no poema, sem versão castelhana, “CEMITÉRIO DO SERTÃO” (CASALDÁLIGA, 1978, p.201):

(...)  
Para descansar...  
  
Mas para viver,  
terra exijo ter.  
Dinheiro e arame  
não nos vão deter,  
Mil facões zangados  
cortam pra valer.  
Dois mil braços juntos  
cercam terra e céu. (...)

A imagem de “mil facões” e “dois mil braços juntos” é a matemática perfeita da união e do combate. Uma luta coletiva pela terra, direito de todos, cujas vitórias só serão possíveis na/pela aclamação do povo, partilhando ideias e vivenciando ideais. É a busca do bem comum, do direito igual, que só pode acontecer se for partilhada por uma atitude comunitária.

Dessa forma, as imagens do poema dão conta de expressar a exploração/ expropriação de terra, fome e miséria do povo do Araguaia que não se nomeia, mas é perceptível pelo conhecimento que se tem do lugar e da origem do texto. No entanto, é uma representação universal adaptada a qualquer lugar do mundo. O homem que não teve nada em vida só reclama sua cruz e o direito de ter ao menos um lugar para seu corpo quando esse for “descansar”. O descanso eterno, mais que um eufemismo, é a metáfora do final da jornada do sertanejo que, não tendo nada em vida, trabalhou, foi explorado, passou necessidades e requer, reclama, o mínimo direito seu: ter onde ser enterrado.

Mas para viver  
eu já quero ter  
a parte que me cabe



no latifúndio seu (CASALDÁLIGA, 1978, p.201)

Mas se for para viver “eu já quero ter/terra eu quero ter/terra exijo ter/terra e liberdade/ eu preciso ter.” A superposição de termos encerra a ideia de um crescente no poema que vai do desejo ao requerimento aos responsáveis pela insuficiência das terras: o latifúndio, que intenta contra a liberdade destes homens.

Dinheiro e arame  
não nos vão deter (CASALDÁLIGA, 1978, p.201)

É perceptível a comunicação desse poema com um outro texto reconhecido pela literatura brasileira, como emblemático da situação da exploração do latifúndio no nordeste do país: *Morte e Vida Severina*, do também escritor engajado João Cabral de Melo Neto (2009, p. 118).

é a parte que te cabe  
neste latifúndio.

Repare-se na aproximação quase idêntica dos versos cabralinos acima com os *casaldalianos* abaixo:

a parte que me cabe  
no latifúndio seu (CASALDÁLIGA, 1978, p.201)

A correlação entre os poemas aponta para o mesmo corpo temático dos autores. Mesmo caracterizando regiões distintas, são escritas sobre o mesmo povo, sob o mesmo sol, com a mesma dor e angústia. Ambas trazem lamentos semelhantes. É a prova mais uma vez que a poesia de Casaldáliga se comunica com outros escritos da literatura brasileira.

Nessa temática, o sonho/desejo da Grande Pátria é algo recorrente na poesia do autor:

E serás tu, por fim, Grande Pátria,  
indígena, negra, crioula, livre, nossa,  
um Continente de fraternos Povos,  
do Rio Bravo até a Patagônia.

Banqueiros, ditadores e oligarcas  
engrossarão o pó do esquecimento.  
Não pagarás a dívida que te fizeram.  
Não aceitarás mais multinacionais



que a Deus, a paz, o mar, o sol, a vida.  
Despertarás os ossos de teus santos  
e os arvorarás em pé de História. (CASALDÁLIGA, *A Causa da Pátria Grande*, 2008, p. 32)

A Grande Pátria, para o autor, é a América Latina irmanada, em paz, livre, solidária. Esse é o sonho do reino, onde todos viverão em paz e justiça plena, no plano terreno ou no plano espiritual, esse desejo/sonho é presente tanto na obra poética quanto na obra missionária e profética de Casaldáliga de forma visceral

Banqueiros, ditadores e oligarcas  
engrossarão o pó do esquecimento.  
Não pagarás a dívida que te fizeram.  
Não aceitarás mais multinacionais (CASALDÁLIGA, 2008, p. 32)

Os versos revelam “a utopia do Reino, da sociedade igualitária ou do comunismo universal que leva o escritor a afrontar os seus contemporâneos. Com os olhos postos no dia que há-de-vir, desmascarar as tramas da ideologia corrente” (BOSI, 2002, p. 36).

que a Deus, a paz, o mar, o sol, a vida.  
Despertarás os ossos de teus santos  
e os arvorarás em pé de História ( CASALDÁLIGA, 2008, p. 32)

A utopia ideal realizada é ativa, concreta, lança materiais para um futuro que

Não determina totalmente esse futuro, antecipa-o como anseio e forja-o a partir de uma impaciência que se faz de luta concreta, uma esperança desesperada, uma esperança que é exatamente o contrário de ficar à espera. (RODRIGUES, 2005, p. 42)

É essa “esperança desesperada” que desaloja o poeta. Casaldáliga, quando tematiza em seus poemas os problemas da sociedade, inscreve o político na poesia, e assim enfrenta a realidade que é de exploração, morte e conflitos. E são nesses “combates do dia, no presente, neste tempo de agora, que se faz a ação emancipadora em que se pode alimentar da força daquela esperança que não fica à espera” (RODRIGUES, 2005, p. 43).

Casaldáliga não espera. E, vistos dessa forma, os poemas dele são um chamamento para que a utopia se realize e esta, por sua vez, torna-se “viável na medida em que possui o explícito desejo de ser realizada coletivamente” (VIEIRA, 2007, ANAIS..., p. 2).



Esse desejo coletivo é expresso no afã de melhoria social, que, tantas vezes consiste em conseguir terra na Terra, tornando-se condição *sine qua non* para alcançar a utopia, que é esse novo lugar, representado pela Terra nos Céus, que, em diversos poemas, é buscado numa ação coletiva:

Retirantes a caminho,  
todos nós, pobres e réus,  
buscamos no teu carinho  
a Casa e a Paz de Deus,  
a Mesa do Pão e o Vinho  
nascidos do ventre teu,  
a terra certa na Terra  
e a Nova Terra dos Céus (CASALDÁLIGA, *Maria Liberdade*. 2006, p. 83)

O fragmento denota o forte desejo de coletividade na busca da Utopia, integrando tanto a religiosa, posta em “Nova Terra dos Céus”, quanto aquela necessária ao desenvolvimento social, como em “terra certa na Terra”. Mas se percebe que Pedro Casaldáliga não se aliena no discurso religioso como um lugar inexistente quando deseja o celestial, mas presentifica que aqui, nesta Terra, será a Terra dos Céus.

Segundo Ernst Bloch, “a utopia deixa margem a uma real crítica do presente” (BLOCH, 2005, 16ss). Essa crítica real é a base da obra de Pedro Casaldáliga, pois sua obra funciona como “um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (CANDIDO, 1982, p. 256).

Casaldáliga acredita e leva os outros a acreditarem que é possível um novo mundo, ainda no presente, não apenas numa região peculiar que é o Araguaia, mas nos diversos cantos do mundo onde houver privações dos direitos naturais do ser humano.

Segundo Benjamim Abdala Junior (2003, p. 14), “um mito, mais do que lenda, é portador de uma linha de vida, uma figuração onde fulgura o futuro”. Diante disso, e percorrendo as leituras, a análise persegue a ideia de que toda civilização ou cultura se baseia no mito, ou da origem, ou do fim. O mito é o elemento que escorre e fecunda a realidade e se faz sustentado pela crença que se realiza em um determinado rito. Ou seja, o mito se ancora num rito, que serve para sustentá-lo. No rito, vive-se o mito, assim no rito em forma de poema, Pedro Casaldáliga vive o mito da utopia. Quando escreve, realiza um rito que se inscreve no mito, no caso, da terra nova, o novo Céu aqui, agora.



Como a mãe faz o pão amorosamente, vivendo um rito, Casaldáliga o faz com seus poemas que são a perpetuação de um ritual de crença numa utopia que só é possível de acontecer nos níveis do sujeito do querer, do dever e do depois do poder. Em outras palavras, um coletivo que transforma em dever, mas nem sempre em poder. Apesar de tudo, o gérmen da utopia não morre. É alimentado pela esperança. Uma esperança que grita. Salta dos versos com força cada vez maior.

Na perspectiva em que estou analisando parte da produção desse poeta, até aqui, como poeta-profeta percebe-se que, junto com a “imagem do horizonte messiânico, o hino e a canção de resistência trabalham o futuro como potencialidade que o desejo permite atuar. É o futuro da opção, o imperativo da vontade” (BOSI, 2000, p. 216), como se pode observar em “Nunca te cansas!” (CASALDÁLIGA, 2006, p. 92):

Nunca te cansas de falar do Reino,  
Nunca te cansas de fazer o Reino,  
Nunca te cansas de checar o Reino,  
Nunca te cansas de acolher o Reino,  
Nunca te cansas de esperar o Reino.

A reiteração do advérbio é o ícone do convite à insistência/persistência, ritualizado na ação verbal, substantiva o desejo da plenitude idealizada. O Reino é o espaço da realização humana, por isso, o ato de viver está impregnado do imperativo de não se deixar vencer, pois:

A utopia está tanto nos grandes movimentos sociais que a história já conheceu como nos pequenos atos que podem revolucionar o dia de qualquer um de nós. Superar o velho hábito confortável que nos conduz à mesma trilha no meio do deserto, dizer o que ainda não se disse, imaginar o que ainda não existe é o que alimenta a esperança (SOUSA, 2005, p. 187).

No fragmento, está o “eu acreditar nisso, por aquilo”; a garantia de ter em outro lugar aquilo que não se tem no aqui/agora. No entanto, o desejo é tão forte que é passível de ser vivido agora, ou lançado para tempos vindouros, como anúncio da novidade:

Serás uma parte de utopias certas  
e o canto de tuas bocas irmanadas  
ensinará a dignidade ao Mundo. (CASALDÁLIGA, 2008, p. 32)

A utopia, dessa forma, é algo que existe para quem nela acredita e Pedro Casaldáliga, assim como o leitor, revivifica essa crença como algo que dá sentido ao que se faz. É o desejo



como forma da manifestação da vontade, como algo essencial para a vida sem, no entanto, deixar de mobilizá-la pelos questionamentos que não permitem acomodações.

Pensando assim, a utopia se constrói na (ri)atualização, mas, principalmente, como forma de amor (paixão) por uma causa, originária de uma ideologia, e da sociabilidade entre seus membros<sup>3</sup>. Uma utopia que “dá forma a uma solidariedade, enquanto estado de plenitude idealizada que se desloca do futuro, ou do modelo simulado, para atualizar-se no presente” (ABDALA, 2003, p. 163).

Sobre este amor (paixão), por ocasião do recebimento do título de *Doctor Honoris Causa* pela Universidade Estadual de Campinas, registram-se as palavras do discurso do autor:

A paixão que poderia, até certo ponto, justificar o título que a Universidade me concede é a paixão pela utopia. Uma paixão escandalosamente desatualizada, nesta hora de pragmatismos, de produtividade, de mercantilismo total, de pós-modernidade desesperançada. Todavia, com outras palavras, é a paixão pela Esperança; [...] Uma paixão que, em primeira e última instância, coincide com a melhor paixão da própria Humanidade, quando ela quer ser plenamente humana, autenticamente viva e definitivamente feliz.

A utopia, portanto, não simplesmente como u-topia, um não-lugar; uma vez que para nós não tem valor esta topia que aí está, este mau lugar que nos impõem [...]

Mas a eu-topia, um lugar distinto, um bom lugar (CASALDÁLIGA, 2000).

E continua:

Não este lugar-hora da exclusão da maioria e do privilégio narcisista da minoria. Mas um lugar onde caibam todos [...] a família humana inteira. Não a globalização neoliberal, homicida, suicida; sim à mundialização da solidariedade para a construção (processual, certamente, e até dialética) daquela igualdade na dignidade, nos direitos e nas oportunidades das pessoas e dos povos, que farão que a Humanidade seja uma, ainda que plural em suas alteridades (CASALDÁLIGA, 2000).

Diante disso, a poesia de Casaldáliga revela os desejos de uma Utopia que se realiza “de-olhos-abertos” (BLOCH, 2005, p. 88ss.), pois “permite ao homem lançar-se para o futuro, buscando o não existente, mas que poderá existir, dependendo de seu engajamento para que se torne real” (BLOCH, 2005, p88ss.).

---

<sup>3</sup> Reflexão advinda da aula com Prof. Benjamim Abdala no curso de mestrado em estudos literários no dia 25 de junho de 2010, em Tangará da Serra-MT/UNEMAT.



Pedro Casaldáliga diz, no poema "O difícil todo" as grandes antíteses dos primeiros versos encerram em si o desejo da síntese de vida do autor

Combater amando.  
Morrer pela vida,  
lutando na paz. (CASALDÁLIGA, 2006, p. 78)

Esta vida que revela na força dos versos postos no infinitivo *combater/derrubar/plantar/cantar* construindo uma gradação que é suspendida/interrompida pelos versos em tempo presente da última estrofe

a vinda d´Aquele  
que o mundo reclama  
e os homens esperam,  
talvez sem sabê-lo  
— o nosso Esperado...! (CASALDÁLIGA, 2006, p. 78)

São esses homens, os pobres que esperam ver defraudada a "bandeira/da justiça livre", e são esses mesmos pobres que "talvez sem sabê-lo" aguardam a vinda do Esperado, que é esperança para todos.

Na afinada escrita poética-profética, Casaldáliga escreve a libertação de um povo, pois

o pressuposto de toda visão profética é a crença de que o processo histórico não se faz pro um mero agregado de eventos casuais. No horizonte do profeta, a história seria dotada de um *telos*, uma direção, um sentido final, que, por sua vez, tende a ser totalizante (BOSI, 2002, p. 57. Grifo do autor).

Ao exprimir um sentimento humanitário profundo e totalizante, que se expressa no inextinguível amor pela vida, Casaldáliga, como artista engajado, tem consciência do seu papel de poeta e de líder religioso e de seu otimismo militante<sup>4</sup>, levando a luta e a poesia como uma espécie de missão.

Como poeta que se avulta nesse contexto, Casaldáliga, muitas vezes sem poder falar, partilha sua visão de futuro com sua poesia, que busca a expressão de uma consciência antecipatória "que produz, em qualquer tempo, a estrutura simbólica da Utopia" (BOSI, 2000, p. 188).

<sup>4</sup> Conceito defendido por Ernst Bloch no livro *Principio Esperança* (2005), no qual esse otimismo militante seria o oposto de um otimismo contemplativo filosófico.



Os ideais de luta, de fé e de ação, juntamente com o papel de poeta engajado fazem com que Casaldáliga adquira o direito de falar em nome do povo. Foi essa condição que possibilitou ao poeta apreender “a verdade do futuro dentro da ficção do presente, entender o significado dessa verdade mesmo quando se encontrasse complementemente ofuscada pelos embustes e pelo silêncio do sistema” (BASIL, 1985, p. 4).

Um silêncio que Pedro Casaldáliga como intelectual, nas palavras de Edward Said (2003, p. 35), vai “elucidar a disputa, desafiar e derrotar tanto o silêncio imposto quanto o silêncio conformado do poder invisível, em todo lugar e momento em que seja possível”.

Revela-se, assim, a face coletiva da obra do poeta que não está sozinho, mas representa uma multidão de outros, que, por condições adversas, não podem se manifestar, como nos versos dedicados “A TODAS AS QUEBRADEIRAS DE CÔCO DO NORDESTE” (CASALDÁLIGA, 1989, p. 36):

O côco no peito,  
o côco na mão,  
o leite da fome  
dos filhos do não.

Palmeira,  
que era  
da gente,  
e já não é mais;  
o côco quebrado  
e ausente,  
quebrada a paz.

Um poema que poderia passar despercebido em suas antologias não fosse à preocupação de Casaldáliga em, com esses poucos, mas significativos versos, lançar uma flecha de solidariedade que exprime a situação de luta pela qual passaram, e por vezes ainda passam, as quebradeiras de côco do nordeste:

Palmeira,  
que era  
da gente,  
e já não é mais; (CASALDÁLIGA, 1989, p. 36)

É a denúncia das terras tomadas pelas empresas que invadem o sertão do nordeste que não é outro sertão senão o sertão do Brasil, o sertão do Araguaia. O lugar é outro, mas as lutas



são as mesmas, a força igual, a esperança igual, pois a poesia une, (inter)liga os povos. E essa é uma realidade que choca o leitor pela precisão dos versos:

O côco no peito,  
o côco na mão,  
o leite da fome  
dos filhos do não (e já não é mais; (CASALDÁLIGA, 1989, p. 36)

Toda a crueza dos versos encontra na poesia o lugar de desabafo, de grito e, antagonicamente, de repouso e esperança. Picolezeiro, sem terra, quebradeira de côco, sem nome e futuro. Seja índio, posseiro, peão do trecho, todos são emblemas de um povo, portadores da chama, ainda encoberta, de uma Utopia. A utopia pela libertação e pela transformação, que se alimenta diariamente do sonho, pois “a falta de esperança é, ela mesma, tanto em termos temporais quanto em conteúdo, o mais intolerável, o absolutamente insuportável para as necessidades humanas” (BLOCH, 2005, p. 15). Ou, utilizando as palavras do próprio Casaldáliga: “uma utopia necessária como o pão de cada dia. Onde não há utopia não há futuro”<sup>5</sup>.

## 2. Referências

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto. 2005. (Volume 1).
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. A esperança rebelde na poesia de Pedro Casaldáliga. In: \_\_\_\_\_. **Versos adversos**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática. 2003.
- \_\_\_\_\_. **O Estudo analítico do Poema**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1996.
- CASALDÁLIGA, Pedro. **Águas do tempo**. Cuiabá: Ed. Amazônia/Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Antologia retirante**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

<sup>5</sup> Em entrevista à *Revista Brasil de Fato*, de 1º a 7 de janeiro de 2009, edição 305.



\_\_\_\_\_. *Passionis causa*. 24 de outubro de 2000. Disponível em <<http://servicio.skoinonia.org/Casaldaliga/textos/textos/honoriscausaunicamp.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **Versos adversos. Antologia, de Pedro Casaldáliga**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

ESCRIBANO, Francesco. **Descalço sobre a terra vermelha**. Campinas: Unicamp, 2000.

FORCANO, Benjamim... et al. **Pedro Casaldáliga: as causas que imprimem sentido à sua vida - retrato de uma personalidade**. Trad.: Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Editora Ave Maria, 2008.

MAGALHAES, Hilda. **História da literatura de Mato Grosso: Século XX**. Cuiabá: Unicem publicações, 2001.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina: e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

RODRIGUES, Pedro. Ernest Bloch: música/esperança/revolução. **Combate**, número 284, Lisboa: APSR, 2005. p. 40-43.

SANTOS, Edson Flávio. **Cercas malditas: utopia e rebeldia na obra de Dom Pedro Casaldáliga**. Dissertação de Mestrado. Tangará da Serra: UNEMAT/PPGEL, 2011.

SOUSA, Edson Luiz André de. Ainda há esperança?. **Revista Concinnitas** (Rio de Janeiro) ano 6, volume 1, número 8, 2005. p.187-188

VIEIRA, Antonio Rufino. **Princípio Esperança e a “herança intacta do marxismo” em Ernst Bloch**. Anais do 5º Colóquio Internacional marxengels, 2007. Disponível em <[http://www.unicamp.br/cemarx/anais\\_v\\_coloquio\\_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/ses\\_sao6/Antonio\\_Rufino.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/ses_sao6/Antonio_Rufino.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2010.